



SOBRE AS POSIÇÕES DA TERAPEUTA NO PROCESSO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO



Ana Paula Marcelino Ramos¹ e Irani Rodrigues Maldonado²
Fga. Mestre Prefeitura Municipal de Americana¹/ Profa. Dra. DDHR/FCM/Unicamp²
marcelinoana@hotmail.com e irani@fcm.unicamp.br
Dissertação de Mestrado - Unicamp, São Paulo
Fonoaudiologia; linguagem; processo terapêutico

Introdução

A Clínica Fonoaudiológica Tradicional adota uma concepção reducionista de linguagem, pois a vê como sinônimo de comunicação, desconsiderando que o sujeito é constituído *na* e *pela* linguagem. Tradicionalmente, a prática clínica apoia-se na aplicação de testes, protocolos, treinos, mensurando a linguagem, assumindo-a como objeto (De Lemos, 2006, p. 21)¹. Com a necessidade de traçar outros caminhos que respondessem às questões presentes na clínica de modo a incluir o sujeito, a língua e o outro, o trabalho aproximou-se do interacionismo brasileiro.

Objetivo

O presente estudo teve como objetivo refletir sobre as práticas terapêuticas adotadas pela fonoaudióloga no atendimento de crianças com dificuldade de leitura e escrita em terapia na Clínica de Fonoaudiologia de um município do interior paulista, evidenciando a posição da terapeuta diante da fala, leitura e escrita dos participantes da investigação.

Metodologia

Trata-se de um recorte de pesquisa desenvolvida como **dissertação de mestrado** aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp sob o nº 56915016.1.0000.5404. Foram realizados doze atendimentos grupais com dois trios de crianças (quinzenalmente) e três grupos de pais com os respectivos responsáveis legais (mensalmente). De acordo com os pressupostos metodológicos da teorização interacionista, a pesquisa apresentou caráter qualitativo, cujas sessões foram filmadas e transcritas pela pesquisadora e fonoaudióloga. Em seguida, os dados foram analisados à luz da proposta Interacionista, que fundamenta a clínica de linguagem (Lier-DeVitto², Arantes³).

Para este trabalho, foram selecionados recortes da transcrição do atendimento em grupo, nos quais as crianças E e VH estavam lendo o livro "Peixe Pixote", da autora Sônia Junqueira e AP (terapeuta) interfere na leitura de ambos. Observe abaixo o diálogo entre E e AP :

9A - E: aconteceu. Será que vim parar em outro lago sem saber? **Percutava Peixote**

9B - AP: **Pixote**

9C - E: é. Olhava para todo lado é via

Observe abaixo o diálogo entre VH e AP sobre o livro lido durante o atendimento:

27A - VH: U-ma mão **fe-i-da**

27B - AP: **Feita**

27C - VH: Feita de ossos...

Resultados

A partir das transcrições, sem deixar de lado a fala dos participantes evidenciou-se nas análises os efeitos que a fala, leitura e escrita das crianças produziram na terapeuta. Os efeitos na terapeuta frente à fala, leitura e escrita foram analisados contrapondo-se a Fonoaudiologia tradicional à Clínica de linguagem. Dois efeitos foram destacados: (1) a fonoaudióloga barrando os sentidos que as crianças formulavam em seu texto (oral/escrito/lido), como por exemplo, visto no diálogo 9A até 9C e (2) a fonoaudióloga corrigindo os "erros" dos textos (oral/lido/escrito) das crianças, conforme observado em 27A até 27C. Ambas as posições assumidas revelam práticas presentes na Fonoaudiologia Tradicional, em que o fonoaudiólogo coloca-se na posição de quem tem um saber que a criança não tem, por isso ensina, molda e corrige. A prática fonoaudiológica que tende a barrar a fala, leitura e escrita das crianças fez com que as mesmas se calassem, deixando de falar e, conseqüentemente, acarretando a finalização do diálogo. Já as correções dos "erros" na fala, leitura e escrita das crianças pela profissional fizeram comparecer muito mais a *língua*, enquanto objeto a ser aprendido pela criança e ensinado pela terapeuta, do que a relação da criança com a *língua* em funcionamento e com o outro

Considerações Finais:

Refletir e se aproximar da teorização interacionista, entendendo seus pressupostos teóricos possibilitou vislumbrar novos caminhos para a clínica fonoaudiológica, que só podem ser alcançados com a reflexão ativa da prática. O primeiro efeito produzido na terapeuta frente à fala, leitura e escrita dos sujeitos permitiu-a abrir sua escuta durante as sessões e o segundo possibilitou-a verificar como a fala da terapeuta afeta a fala, leitura e escrita das crianças, nos diálogos de forma naturalizada.

Referências Bibliográficas:

1. De Lemos, CTG. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem. In: Lier-De Vitto, MF; Arantes, L. Aquisição, patologias e clínica da linguagem. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p.21-30;
2. Lier-de Vitto MF; Andrade L. Considerações sobre a interpretação de escritas sintomáticas de crianças. Estilos clin. Jun. 2008 [acesso em 23set.2017]; 13(24): [17p]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282008000100005&lng=pt&nr=iso.
3. Arantes L. Diagnóstico e clínica de linguagem. [tese]. São Paulo, PUC, 2001.